Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

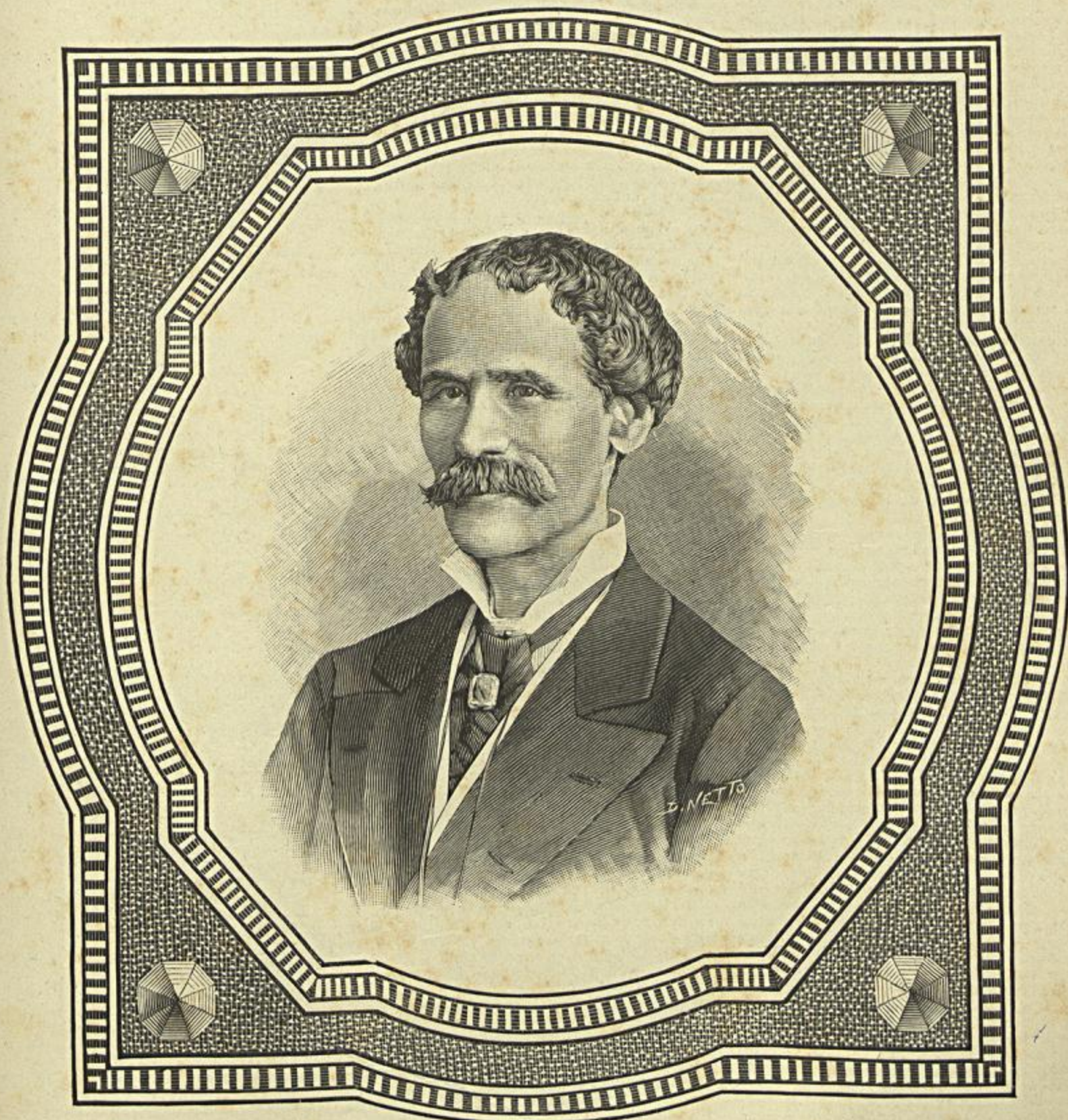
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 451

1 DE JULHO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

JOSÉ MARIA LATINO COELHO, Secretario da Academia Real das Sciencias de Lisboa

(Segundo uma photographia de Camacho)

CHRONICA OCCIDENTAL

Eu gosto muito de *reprises* de peças muito antigas e gosto ainda mesmo quando essas peças não são muito boas, porque para mim o encanto das *reprises* não está na peça que se ressuscita, mas sim no nosso passado que ella faz reviver.

Assistir á representação d'uma peça que se não via ha dez, ha quinze annos, é voltar atraz, é durante algumas horas andar a passear pelas nossas recordações, é viver durante uma noite nos tempos que já lá vão, com pessoas que de ha muito desappareceram, com impressões e commoções que julgavamos para sempre mortas.

Muitas vezes ha tristezas profundas n'essas recordações, ha momentos dolorosissimos n'essa digressão pelas reminescencias do passado, mas embora os haja e talvez mesmo porque os ha, é que essa resurreição de factos que se não podem repetir, de pessoas que não voltam, tem ainda mais encanto, porque é precisamente o pungir acre da saudade que dá ao prazer da recordação o seu *quid* estranho, unico, mysterioso.

As emprezas theatraes porém fogem muito dos *reprises*, fogem muito de dar ao publico esse prazer delicado dos *retours au passé*, e tem n'isso sua razão, porque as *reprises* se sob este ponto de vista são sempre mais ou menos uma boa fortuna para os espectadores, raras vezes são para os emprezarios uma boa fortuna sob o ponto de vista das suas receitas.

E comprehende-se que o não sejam e por uma quantidade enorme de motivos.

Em primeiro logar não ha nada que envelheça mais do que uma obra de theatro.

O gosto do publico varia de dia para dia e quando uma peça não tem a salvaguardal-a dos insultos do tempo a chancella do genio, e todos sabem quanto esta chancella é rara, o seu grande *successo* de hontem transforma-se hoje n'um grande *fiasco* e muitas vezes, quasi sempre, aquillo que motiva hoje a sua queda foi precisamente o que em tempo lhe valeu o seu triumpho.

Depois ha os confrontos no desempenho, confrontos inevitaveis, em que os artistas que crearam os papeis teem todas as vantagens; — a de terem sido os primeiros, a de terem passado sobre o seu trabalho uns poucos d'annos, que tem feito desapparecer a recordação dos defeitos e avolumado a das bellezas, e muitas vezes até a vantagem de terem morrido, o que os torna sempre muito maiores.

Depois as saudades que douram as recordações do passado fazem parecer sempre esse passado mil vezes melhor do que o presente. .

Depois o nosso criterio que de dia para dia se tem illustrado, se tem aperfeiçoado, torna-nos muito mais difficeis de contentar que ha dez annos, faz nos encolher hoje os hombros aquillo que hontem nos enthusiasmara, achar mau o que achavamos optimo...

Depois.. depois... Uma serie infinita de depois que faz com que as *reprises* sejam sempre perigosas para os artistas e quasi sempre ruinosas para as emprezas ..

E foi por tudo isto que eu fiquei muito contente quando vi annunciada no theatro da Avenida a *Gran Duqueza*, porque sabia que ia ter uma noite d'essas recordações do passado que me deliciam, ao mesmo tempo que fiquei muito receioso sobre o exito d'essa *reprise*, das mais arriscadas que conheço, porquanto a *Gran Duqueza* foi na sua primitiva um dos maiores *successos* theatraes de Lisboa, e teve um d'esses desempenhos *hors ligne* cuja recordação gloriosa é ainda realçada pela saudade de todos aquelles que ganharam essa victoria e que desappareceram para todo o sempre, uns na cova, como Faria, Carlos d'Almeida e Maria Adelaide, outros no sepulcho doloroso das doenças incuraveis como a Emilia Letroublon e a Luiza Fialho.

Os meus receios porém não tinham razão de ser, e apezar de todos os perigos que cercavam essa *reprise*, a ressurreição da *Gran-Duqueza* foi um brilhante triumpho, um enorme successo theatral, um triumpho tanto mais honroso para aquelles que o conquistaram quanto difficilimo era de obter.

O publico foi para lá cheio de modelos para fazer confrontos, a sua mania habitual, o seu gostinho particular, fel-os e evidentemente esses confrontos não foram desfavoraveis aos principaes interpretes da *Gran-Duqueza* de hoje, por que de contrario não lhes faria a ovação enorme, as chamadas repetidas, a acclamação triumphal que a todos fez no final dos actos e no final da peça...

Eu não posso muito bem fazer esses confrontos pela simples rasão de não ter visto a *Grau-Duqueza* primitiva.

A primeira vez que a vi não foi no Theatro do Principe Real, foi no Circo de Price e já a Granduqueza Letroublon tinha abdicado o seu chicote nas mãos da Gran-duqueza Felicidade.

O seu exercito ainda era o da primitiva, tendo á frente o seu general Boum Faria, e o general Fritz Menezes, a sua côrte era tambem a mesma, e entre as damas, aquellas que liam a *carta adorada* figurava uma, que depois fez a sua carreira como actriz, não sendo nunca muito afamada, mas sendo em compensação muito estimada por aquelles que a conheciam de perto, a pobre Maria Adelaide, que eu pela primeira vez vi de dama da Gran-duqueza de Gerolsteiu, e de bota azul até ao meio da perna — perna e bota muito bonitas e muito bem feitas — e com quem depois tratei muito no Gymnasio onde foi a interprete da minha primeira comedia traduzida — a minha estreia no theatro uma comedia n'um acto de Adolpho Belot *No campo*, que serviu de debute a outra pobre e formosa actriz que de ha muito dorme o grande somno, a Margarida, e em que entravam alem d'estas duas actrizes o João Rosa e o Bayard e onde no seu primeiro beneficio levou a minha primeira peça original, uma comedia em 3 actos intitulada *Debaixo da Mascara*.

N'essa minha primeira peça original entrava tambem um outro actor, que na *Gran-Duqueza* tinha uma corôa gloriosa, Carlos d'Almeida, o creador do principe Cornelio Gil, a que deu uma interpretação extraordinaria que maravilhou todos os francezes, que acabavam de ver em Paris a famosa opera de Offenbach.

O barão Grog era ainda o grande Antonio Pedro, Wanda a Fialho, e Fritz, o actor Menezes que depois deixou o theatro pelo commercio e que na primeira noute da reprise da *Gran-Duqueza* na Avenida lá vi na platéa mettido entre os espectadores a applaudir o seu successor.

Depois vi muitas outras *Gran Duquezas*, todas que tem atravessado os palcos de Lisboa desde a Preciosi, que tinha n'esse papel um dos seus menos felizes trabalhos até as cantoras italianas que são na musica d'Offenbach d'uma sensaboria passmosa, e de todas essas *Gran-Duquezas* a que mais me tem agradado incomparavelmente é a de Cinira Polonio.

Elegante, distincta, intelligente tendo voz e sabendo cantar, Cinira Polonio deu-nos uma formosa Gran-duqueza de Gerolstein, a que falta talvez um boccadinho mais d'entrain, mas a que sobeja em compensação gentileza opulencia e bom gosto no trajar, boa arte e delicada intenção no canto, como por exemplo na celebre Declaração que ella canta d'um modo magistral, e que lhe vale todas as noites uma ovação.

Florentina Rodrigues, uma cantora hespanhola que veiu ali n'uma companhia de zarzuela e que cá ficou sem ter ainda occupado o logar a que tem direito os seus distinctos merecimentos artisticos pois é intelligente, graciosa, tem uma bonita voz e canta bem, é uma Wanda excellente o papel de principe Cornelio Gil é feito em *travesti*, é claro á falta d'um bom actor comico

A opera tem tudo a ganhar em effeito burlesco em que o principe seja realmente um actor, que faça do personagem um typo ridiculo grotesco como fazia Carlos d'Almeida, mas se a opera perde um pouco os nossos olhos ganham muito em elle ser feito por uma actriz, tão gentil no seu *travesti* como é a sr. Candida Palacio, uma actriz que pela primeira vez vimos mas que tem merecimento a valer, que tem uma voz bonita e afinada, que diz muito intelligente e graciosamente o seu papel, e que canta d'uma maneira deveras notavel as coplas da Gazeta de Holanda.

Para nós porem o papel mais completo da nossa *Gran-Duqueza* é o do general Boum, feito pelo actor Joaquim Costa.

Papel difficilimo pela recordação gloriosa do grotesco general que nos apresentava o Faria, Joaquim Costa com o seu bello talento comico venceu todas as difficuldades, e deu-nos um magnifico general Boum, engraçadissimo sem cahir em exageros grosseiros e sem fazer um *pastiche* do trabalho de seus antecessores.

Feito assim, o general Boum é um trabalho que honra um artista comico embora elle seja da alta cathegoria a que já muito justamente pertence Joaquim Costa.

O actor Setta da Silva agradou-nos muito no Fritz; Joaquim Ferreira tem coisas com muita graça no papel de perceptor, e o sr. Pereira d'Almeida se não fez uma creação no Barão Grog, houve-se muito correctamente, não desmanchando o bello *ensemble* que teve a peça — *ensemble* para que contribuiu muito com o seu talento e o seu *savoir faire* de ensaiador o actor Augusto de Mello, com a sua arte primorosa e as suas excepcionaes aptidões artisticas o maestro Cyriaco de Cardoso.

E n'esta rapida resenha dos que contribuiram para o grande *successo* da *reprise* da *Grand Duqueza* é bom não esquecer o maior dos seus contribuintes — o immortal Offenbach, o auctor maravilhoso d'essa deliciosa musica que ao fim de trinta annos é tão nova, tão fresca, tão scintillante como no seu primeiro dia, para desespero de todos os maestrinos contemporaneos.

*
* *

Dentro do theatro tinhamos outro assumpto ainda — o *Sonho de Ventura*, a peça com que um grupo d'artistas da Trindade e do Gymnasio que está explorando durante os mezes das ferias este ultimo theatro, inaugurou a sua epoca de verão.

Faltanos porém o espaço para fallar d'essa peça, e alem d'espaço outra coisa, o termol-a visto.

Iremos vel-a e d ella contaremos

*
* *

Fora o theatro ha um assumpto muito grave e importante, o caso do convento do Rego. Duas raparigas menores sequestradas pelo beaterio nos braços maternos, e que a policia foi ali buscar á força, para as entregar a sua mãe.

Este assumpto, porem, precisa de ser muito minuciosamente estudado e analysado para sermos perfeitamente justos e imparciaes nos nossos commentarios.

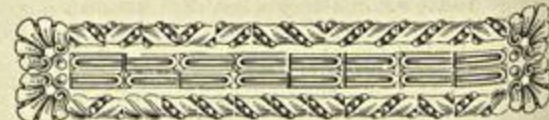
O caso fez muita sensação em Lisboa e toda a imprensa tem verberado com uma indignação, que se nos afigura justificadissima, o procedimento da regente do recolhimento e dos influentes clericaes que o protegem e dirigem.

Entretanto não queremos entrar n'esse côro d'indignação sem averiguarmos bem como os factos se deram e é a essas averiguações que vamos proceder reservando o fallar para depois ..

*
* *

Continuando a serie de mortos illustres d'estes ultimos tempos, Portugal perdeu ha dias um dos seus mais distinctos artistas dramaticos, o actor Cesar Polla.

O Occidente publicará no proximo numero o retrato do chorado artista acompanhando o de umas ligeiras notas biographicas, e por isso, para não fazermos aqui *double-emploi* com essas notas limitamo-nos a registar aqui a sua morte como a perda d'um artista distinctissimo, que na sua carreira teve e deu ao theatro portuguez noites de gloria.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOSÉ MARIA LATINO COELHO

Por não ter chegado a tempo o artigo que devia acompanhar o retrato d'este illustre academico, e não ser possivel substituir á ultima hora a gravura, irá o artigo no proximo numero.

D'esta falta pedimos desculpa aos nossos assignantes, certos de que serão bem edemnisados no numero seguinte.

MOSTEIRO DE PAÇO DE SOUSA

E' este um dos monumentos de Portugal a que se acham ligadas as mais remotas tradições historicas, ao mesmo tempo que é tambem um dos mais antigos monumentos do nosso paiz levantado pela piedade christã.

Foi seu fundador D. Truictozendo Guedes avô de Egas Moniz, o dedicado aio e fiel companheiro de D. Affonso Henriques, fundador da monarchia. Segundo os mais auctorisados auctores a fundação do mosteiro foi pelos annos 998 ou 960 da era de Christo, e a edificação se fez junto ao paço de D. Truictozendo, onde nasceu Egas Moniz.

E' este mosteiro um curioso exemplar da archi-

tectura gothica e dos mais sumptuosos em toda a sua fabrica.

A egreja foi sagrada pelo arcebispo de Braga D. Pedro, antessor de S. Geraldo, em 29 de setem- de 1088, pelo que se vê gastou 48 annos a sua construcção.

Era de monges benedictinos e teve grande quantidade de doações que muito o enriqueceram, mas pela lei de estinção das ordens religiosas, foi o mosteiro vendido em 18 4, passando a propriedade particular.

Existe na egreja o tumulo de Egas Moniz, peça curiosa e sobre tudo respeitavel por guardar os restos d'este leal portuguez, que foi tambem um dos que mais cooperou para a fundação d'estes reinos, junto do grande D. Affonso Henriques, de quem foi mentor e guia inseparavel e cujo valor e lealdade cantou o nosso grande epico.

Aquelle tumulo, é de granito grosseiramente cinzelado, representando nas suas faces e em relevo passos da vida de Egas Moniz, em que se representa a sua ida a Leão quando se foi apresentar ao rei D. Affonso VII Soffreu este tumulo varias mudanças e na ultima que lhe fizeram, os pedreiros trocaram as peças de que elle se compõe, estropiando completamente os baixos relevos e as inscripções.

Acha se este edificio n'um formoso valle por onde corre o rio Sousa, na provincia do Douro.

A nosa gravura, copia de uma excellente photographia do sr. Claro Outeiro, primoroso photographo amador, que obsequiosamente n'ola offereceu, deixe vêr bem a belleza do logar em que se acha o celebre mosteiro, de que o estado nunca devia ter aberto mão, por ser um monumento tão intimamente ligado á historia patria e tumulo do portuguez que mais ajudou o fundador da monarchia portugueza na sua grande obra.

A CATASTROPHE DA PONTE DE MŒNCHENSTEIN

Um telegramma datado do dia 18 do mez que acabou, trouxe a noticia de uma horrivel catastrophe occorrida na ponte que atravessa o Bise, proximo de Bâle e de Mœnchenstein.

Um comboio da linha do Jura-Spinopla (antiga Jura Berne Lucerna) que conduzia 600 passageiros, ao passar aquella ponte, esta abatera precepitando se o comboio no rio Bise, cujas aguas iam muito altas.

Além da locomotiva cahiram ao rio tres wagons ficando um outro suspenso.

Não se sabe bem ao certo o numero de victimas, sendo os telegrammas contraditorios, parece, no entanto, que estas são mais de cem mortos e outros tantos feridos de maior ou menor gravidade, numero que não será exaggerado attendendo á quantidade de passageiros que vinham no comboio, na maior parte de Basilea.

Não se sabe tambem o que deu causa a esta catastrophe, pois a solidez da ponte parecia sufficientemente garantida, sendo ainda o anno passado reformadas as travessas segundo os planos approvados pelo departamento federal dos caminhos de ferro.

Esta ponte foi construida em 1875, sendo a obra metalica da casa Eiffel de Paris, e tinha 41 metros de abertura. Uma inundação em 188· detriorou um dos pilares da ponte que foi substituido por outro, fazendo se uma nova fundação pelo processo pneumatico.

Não descreveremos as scenas horrorosas que se passaram n'esta horrivel catastrophe, porque ellas são faceis de imaginar para que vamos semsebelisar o leitor com a sua descripção. A noticia correu rapida, como todas as más novas, e de todas as emediações correu logo gente ao logar do sinistro para soccorrerem as victimas e saber do occorrido.

Logo ali foram tirados varios *croquis* do aspecto que apresentava a ponte e o comboio despedaçado, e é um d'esses *croquis* que hoje reproduzimos a paginas 149 para melhor completar esta noticia.

Não nos lembra de um desastre semelhante depois do occorrido, em 1884 na ponte de Alcudia, em Hespanha, de que tambem aqui demos noticia e gravura.

D'aquelle como d'este ficará ignorada a verdadeira causa, apezar de todas as syndicancias para a saber, pois quer um quer outro não parece que fossem filhos do acaso, ainda que custe a crêr na malvadez de preparar tão grande desgraça.

ANGELO FRONDONI

Era uma das figuras mais originaes e mais sympathicas do nosso meio artistico. Dias antes de fallecer, encontravamol-o ahi n'essas ruas, com o seu passo vagaroso e pezado, cachimbo ao canto da bocca, occulos sobre o nariz, abstracto sempre, alheio á multidão que lhe abria passagem e sahindo só da sua abstraçao, quando algum amigo — e tinha muitos e verdadeiros — lhe dirigia a palavra.

— Bom dia, maestro.

— Quem é?.. — e depois fixando-o: — Ah! como está? E illuminava-lhe então o largo rosto sympathico um bello sorriso muito franco, muito sincero.

Angelo Frondoni falleceu no dia 4 de junho, com 82 annos de edade, tinha-os feito em 25 de fevereiro.

Nasceu em Parma em 1809, indo muito novo ainda para Milão onde, em pouco tempo, se tornou conhecido por tres notaveis composições para theatro. Foi a primeira uma partitura para uma das grandes danças mimicas que então se usavam e que duravam mais de duas horas sem solução de continuidade. A segunda, que tem por titulo *Un terno al lotto*, fez o gyro de todos os theatros de Italia. Esta composição foi publicada pelo conhecido editor Francisco Lucca e foi cantado mais tarde no nosso theatro de S. Carlos, n'um beneficio do famoso barytono Varesi, em 22 de março de 1841. A terceira foi o *Carrozini da vendere*, posto em scena no theatro Scala de Milão e cuja partitura se acha annunciada no grande catalogo da casa Ricordi.

Escripturado em 1839 pelo conde de Farrobo, então emprezario do theatro de S. Carlos, para maestro compositor e ensaiador d'aquelle theatro, veio Frondoni para Lisboa, d'onde nunca mais sahiu, auxiliando e acompanhando sempre o desenvolvimento musical do ultimo meio seculo no nosso paiz.

As suas primeiras composições, para S. Carlos, foram os bailados *Dgengis-Kan*, executado em 1 de janeiro de 1839, e a *Ilha dos protentos*, em 21 do mesmo mez. Em seguida escreveu uma opera em 3 actos, intitulada *I. Profughi di Praga*, cantada em 20 de abril de 1844.

Foi elle quem introduziu em Portugal a opera comica em portuguez, sendo a sua primeira composição n'este genero *O Beijo*, opereta em um acto, cujo poema é de José Maria da Silva Leal, e que se representou no velho theatro da rua dos Condes em 26 de novembro de 1844 e depois nas Larangeiras e em D. Maria, obtendo extraordinario exito em mais de duzentas representações.

Para a sua segunda opereta escreveu Mendes Leal o poema — *O caçador do Minho*. — que se representou na Rua dos Condes em 1845, tambem com muito agrado. Em seguida compoz *O Sebastianista* para o mesmo theatro; *Qual dos dois*, *Os amores de um soldado*, *A Bruxa*, *O Capellão do regimento*, que subiram á scena no Gymnasio em 1850.

Escripturado por Francisco Palha para a Trindade em 1868, como ensaiador de musica e compositor, debutou ali com grande successo na *Gata Borralheira*, escrevendo em seguida a magica *Rosa de sete folhas*, representada em 1870; *O rouxinol das salas*, em 1871 e *As tres rocas de crystal*, em 1872, todas com exito enorme. Durante sete annos que esteve na Trindade ensaiou ali mais de sessenta operas comicas e operetas de varios autores, em portuguez. Foi elle quem ensinou a cantar Anna Pereira, Florinda e Queiroz, que lhe devem as suas noites mais gloriosas.

Frondoni compoz tambem, para varios theatros, as operetas — *Um episodio da guerra de Italia*, *Mademoiselle Merange*, *A lenda dos reis de Granada*. *Um bom homem d'outro tempo*, *O filho da senhora Angot* — a sua ultima opereta, cantada no theatro Principe Real em 1879, — e as oratorias *Gabriel e Lusbel (Santo Antonio)*, *S. Lourenço*, *O ermita* e o *Evangelho em acção*. Alem d'estas peças escreveu outras que não foram representadas, como as operas italianas *L'assedio di Siracusa*, *Lo sgombro di casa* e a opereta em um acto *Tchim Fá* que chegou a entrar em ensaios no theatro da Trindade, quando Frondoni já não se achava ali escripturado.

É enorme a quantidade de romanzas, valsas, *couplets*, balladas, etc., escriptas por Frondoni para intercalar nas operetas da Trindade, para S. Carlos, para diversas peças e para offerecer ás suas discipulas.

Muitas d'essas composições, que se tornaram conhecidas de toda a gente, acham-se publicadas, como *a Saloia*, *a Camponeza*, a canção da *Ave Maria* nas *Pupillas do sr. Reitor*, o fado *Conselho a uma doente*, cuja poesia é de Bulhão Pato, etc. Acham-se tambem publicadas as suas composições *Camões* (cantata), *Camões e Jau*, *Florinda e Bragança* (valsas) e o tango do *Shah da Persia*, quatro pot-pouris sobre as operas *Dinorah*, *Africana*, *Amar sem conhecer* e *Mathilde de Shabran*, seis sonatas para piano, collecções de romanzas, etc. Uma das suas ultimas composições foi uma romanza cuja poesia era de sua filha, M.me Lacombe, senhora de esmeradissima educação, poetisa distincta e artista de elite.

Publicou tambem varios folhetos sobre musica, taes são a sua *Memoria ácerca da influencia da musica na sociedade*, *Da origem da musica*, *O Orpheon*, *Breves traços da historia do Orpheon municipal de Paris*, *Considerações sobre Ricardo Wagner e o seu Lohengrin*, *Miscellanea Artistico-musical e versos italianos*, etc.

Na Imprensa Nacional estava se publicando, quando a morte o surprehendeu, uma collecção de cantos orpheonicos, trabalho a que Frondoni dedicou os seus ultimos annos, com o fim de implantar em Portugal o gosto pelos coros orpheonicos. A primeira prova d'essa obra recebeu a elle nas vesperas da sua morte, chegando ainda a fazer-lhe algumas emendas.

Não dedicava o seu tempo exclusivamente á musica o maestro Frondoni; tinha vastos conhecimentos de que dava sobejas provas na sua conversação sempre animada e substancial, e apesar dos seus pontos de vista e theorias muito extraordinarias, discutia e defendia-os com uma grande lucidez de espirito. Ha tambem excellentes versos italianos impressos com o seu nome e muitos ineditos de valor. Ultimamente ainda fez distribuir em S. Carlos uma graciosa poesia em italiano, offerecida á grande cantora Theodorini na noite da sua festa.

É proverbial a distracção de Frondoni e correm a seu respeito anecdotas engraçadissimas.

Uma vez foi elle ao theatro do Gymnasia procurar o actor Taborda. Era noite de espectaculo em que o grande actor entrava. Frondoni entrou na caixa; dos bastidores vê Taborda em scena a representar. Distrahidamente, entra no palco e dirige-se com todo o socego ao seu amigo que olhava para elle estupefacto em quanto o publico, percebendo a distracção de Frondoni, ria a bom rir.

Objecto que levasse na mão, era certo deixal-o no primeiro estabelecimento onde entrasse ou sobre o primeiro banco onde se sentasse. Uma vez esqueceu-lhe uma partitura da Trindade n'um banco do Passeio Publico. A' noite, quando se ia cantar a opereta, não apparecia a partitura. Grande atrapalhação.

— Levou-a o maestro Frondoni esta manhã, observa alguem.

— *Má*... eu a levei? para que queria eu a partitura?

— Para alterar os *couplets* da Anna Pereira.

— E' verdade! — E de repente, muito socegado — Ah! já sei; deixei-a ficar no Passeio Publico.

Felizmente houve quem a encontrasse e a fosse entregar na Trindade, justamente quando já se pensava em mudar o espectaculo.

De uma franqueza rude, dizia a todos o que sentia e o que d'elles pensava, sem se dar ao trabalho de dourar a pilula. Uma noite no club de Pedroiços ouviu cantar uma senhora que o auditorio por mera delicadeza, applaudiu. Angelo Frondoni dirige-se a ella com o seu ar bonhomme e diz-lhe sem mais preambulos:

— Foi detestavelmente. Porque não canta a senhora só em casa para sua familia?

E o caso é que ninguem se zangava com elle.

Uma das suas mais extraordinarias distracções foi o hymno da *Maria da Fonte*, hymno que adquiriu uma popularidade enorme e que lhe fez perder por bastante tempo as boas graças da familia real que elle aliás muito respeitava e queria.

Um dia Paulo Midosi, seu librettista em varias operetas, foi procural o a casa e, entregando lhe uns versos, disse lhe:

— Frondoni, preciso immediatamente musica para isto. Um hynno enthusiastico.

— Pois sim, responde Frondoni, vem cá buscal-o ás 5 horas.

— Não faltes, hein?

— Vae descançado.

E Frondoni que dissera que sim distrahidamente, pegou distrahidamente no papel que Paulo Midosi lhe entregou, e distrahidamente compôz a bella musica que dias depois, com grande surpreza sua, se tornou o hynno da revolução popular do Minho.

El-rei D. Fernando apreciava muito Angelo Frondoni e a sr.ª D. Maria Pia era amicissima d'elle.

Em 1842 foi eleito membro do Conservatorio Real de Lisboa, eleição que foi confirmada por D. Maria II, em 4 de maio do mesmo anno.

Por decreto de 18 de janeiro de 1871 foi agraciado cavalheiro de S. Thiago, sendo-lhe entregues as insiguias d'aquella ordem por el-rei D. Luiz, na noite da primeira representação do *Rouxinol das Salas*, na Trindade.

Pelo rei de Italia, a quem Frondoni enviou um exemplar da sua *Nuova collezione di pezzi per canto*, foi offerecida ao illustre compositor uma bella medalha com as armas da casa de Saboia, circumdadas por um U de brilhantes, inicial do rei Umberto.

Nos ultimos annos, achando-se já impossibilitado de trabalhar, pela falta de vista e pela avançada edade, percebia uma pequena pensão do estado a titulo de remuneração pelos serviços prestados ao paiz, durante mais de 50 annos, pensão que de injusta apenas tinha a sua exiguidade.

Frondoni era amicissimo da familia, em companhia da qual viveu sempre e que, até aos seus ultimos momentos, foi sempre extremosissima para com elle. A sua ultima affeição foi o seu neto Paulo, talvez porque tinha o mesmo nome do filho que ha annos lhe morreu em plena juventude e que elle estremecia. O unico desgosto que o bondoso velho devia ter sentido na hora derradeira, cercado pelo carinho da familia, e resignado com a ideia da morte que sentia approximarse, foi por certo não poder beijar o seu querido neto, que quinze dias antes partira para Africa, e em quem Frondoni constantemente fallava.

De uma lucidez de espirito extraordinoria, apezar dos annos, Frondoni dedicava-se ultimamente a estudar o inglez — «para conhecer essa lingua extravagantissima —dizia elle.

Os seus themas d'inglez eram muito originaes — uma especie de diario intimo onde o decrepito estudante ia escrevendo n'esse idioma os seus pensamentos intimos, uma grande parte dos quaes era dedicada ao querido neto auzente.

Fallava indifferentemente o italiano e o francez na sua vida intima. No leito da morte, ao sentir que se approximavam os ultimos instantes, Angelo Frondoni pegou na mão da filha, que não lhe abandonava a cabeceira, beijou-lh'a reconhecido, e, depois de uma pequena pauza, disse lentamente, com a tranquilidade de um bom : «Ma vie est terminée. Lorsqu'on a vécu comme j'ai vecu, on meurt avec le sentiment de la satisfaction.»

Foram as ultimas palavras do sympathico e bondoso octogenario.

Acacio Antunes.

MOSTEIRO DE PAÇO DE SOUZA

(Segundo uma photographia do photographo-amador sr. Claro Outeiro)

ADOLPHO LALLEMANT

Quando recebemos a noticia da morte de Adolpho Lallemant estavamos sentados á nossa banca de trabalho, muito preoccupados em concluir uma gravura.

Foi o nosso amigo Julio Cosmelly, que nos deu a triste nova, e nós surprehendido, subitamente sacudido por um estremecimento nervoso, deixamos cahir da mão o buril com que estavamos gravando, ao mesmo tempo que o nosso espirito era assaltado pela idéa de que, com a morte de Adolpho Lallemant, a gravura perdia o impressor que mais a fizera brilhar entre nós, sob a arte com que elle a sabia imprimir.

Era um artista, na verdadeira acepção d'esta palavra. Bastava vêl-o, quem não conhecesse ainda os seus trabalhos. Convensar com elle um pouco sobre typographia, sobre as grandes edições de luxo impressas em França ; e todo elle se alegrava no enthusiasmo do artista, do homem que ama o trabalho como a tarefa mais gloriosa que tem sobre a terra, seus olhos brilhavam marejados, n'uma satisfação intima que tocava a commução, denunciando ao mesmo tempo n'aquelle reçumar lacrimoso, os primeiros symptomas do carditico, o que mais se affirmava quando concluia tristemente por dizer.» oh! aqui não se póde fazer nada».

Mas apesar d'isto ser uma verdade mil vezes repetida no nosso meio artistico, Adolpho Lallemant conseguiu ainda assim fazer muito. Os seus trabalhos de imprensão destacavam-se vantajosamente entre edenticos do geral das nossas typographias, e quando se propunha a fazer impressões de luxo, ninguem se avantajava mais que elle, sendo essas impressões verdadeiros modelos.

A impressão a côres ou chromo-typographia, foi elle que a inniciou em Portugal; foi elle quem primeiro impremiu gravura com a nitidez e arte com que se impreme nos paizes mais adiantados.

Lembra-m'o-nos bem que ainda ha vinte annos uma das ambições do gravador portuguez era que as suas gravuras fossem impressas por Adolpho Lallemante, porqne só assim sabia o que gravara, acontecendo muitas vezes ficar surprehendido com o que fizera, porque Lallemant com a sua fina arte e gosto sabia tirar partido da gravura mais grosseira ou imperfeita, dando-lhe um aspecto de finura e perfeição que ella realmente não tinha.

Era exactamante o contrario do que acontecia com outros impressores, que se conservavam então no estado mais elementar da sua arte, attribuindo á imperfeição da gravura até os proprios borrões de tinta com que a mimoseavam.

D'uma vez aconteceu encommendarem-nos uma gravura representando um Senhor dos Paços com a cruz ás costas.

Empregamos na obra o melhor dos nossos recursos artisticos e por fim entregamol-a muito satisfeito a quem a tinha encommendado. Qual não foi, porém, a nossa surpreza quando o dono da gravura nos devolve a obra com um formulario de reclamações julgando-se burlado com o trabalho que lhe fizemos, baseando todo o seu aranzel na opinião sentenciosa do impressor a quem mandara imprimir a gravura.

O caso, effectivamente, não era para menos. A gravura que nós fizemos de um Senhor dos Passos achava-se transformada pelo impressor, n'um carvoeiro com a sacca de carvão ás costas!

Foi Adolpho Lallemant que nos desafrontou. Pedimos-lhe para tirar alguns exemplares da gravura, e dizer-nos por escripto o que se lhe offerecesse sobre a sua perfeição.

Munido com estes documentos pozemos termo á pendencia e de tal modo que Lallemant é que afinal fez a impressão da gravura.

* * *

Por 1855 veio Adolpho Lallemant para Lisboa, convidado por seu irmão Francisco Lallemant, habil fundidor de typo que tomára a antiga fundição de Silva & Filhos.

Organisára Francisco Lallemant uma sociedade typographica sob o titulo Franco-Portugueza, e de que elle era o director technico.

Adolpho Lallemant, que aos 13 annos de idade entrára para a grande typographia Danel, em Lille, a praticar nas officinas de impressão, edu-

cára-se n'aquelle grande centro typographico, e quando veio para Portugal era um impressor que conhecia todos os processos da sua arte, no estado de adiantamento em que ella se achava n'aquella epoca. Dotado de intelligencia clara e gosto de artista, é facil calcular as muitas surpresas que o esperavam em Lisboa, ao vêr o grande atrazo em que se encontrava a typographia por aquelle tempo entre nós.

Por esta mesma razão as obras impressas por Lallemant principiaram a chamar a attenção do publico em geral e da classe typographica em particular, sendo Adolpho Lallemant consultado amiudadas vezes pelos seus collegas de cá, sobre pontos de impressão, chegando mesmo o seu conselho a alguns dos principaes estabelecimentos do estado, onde por vezes foi encarregado de fazer trabalhos da sua arte.

É assim que Adolpho Lallemant foi chamado, em 1869, á Casa da Moeda pelo, então director d'aquelle estabelecimento, o sr. D. José de Saldanha, para o encarregar da direcção da officina de impressão de estampilhas do correio e sellos de verba.

Foram importantes os serviços que prestou n'este estabelecimento pelo espaço de 14 annos, e que lhe valeram o ser elogiado officialmente, e o governo portuguez conferiu-lhe o habito de Christo por serviços prestados á arte typographica em Portugal.

Em 1877 foi encarregado pelo ministro da fazenda de ir ao estrangeiro estudar os processos mais modernos de impressão de sellos nas Casas da Moeda, e d'esta commissão se desempenhou cabalmente, apresentando um desenvolvido relatorio que foi elogiado pelo ministro da fazenda e director da Casa da Moeda.

*
* *

Das rapidas linhas que deixamos escriptas conclue-se que o nome de Adolpho Lallemant acha se intimamente ligado aos progressos que a arte typographica tem feito em o nosso paiz n'estes ultimos 30 annos, e isso bastava para aqui lhe consagrarmos esta homenagem á sua memoria.

Outro motivo, porém, nos impunha ainda esta homenagem prestada nas columnas do OCCIDENTE, e esse motivo facilmente o advinham já os leitores d'este periodico que desde o seu principio o tem acompanhado até hoje.

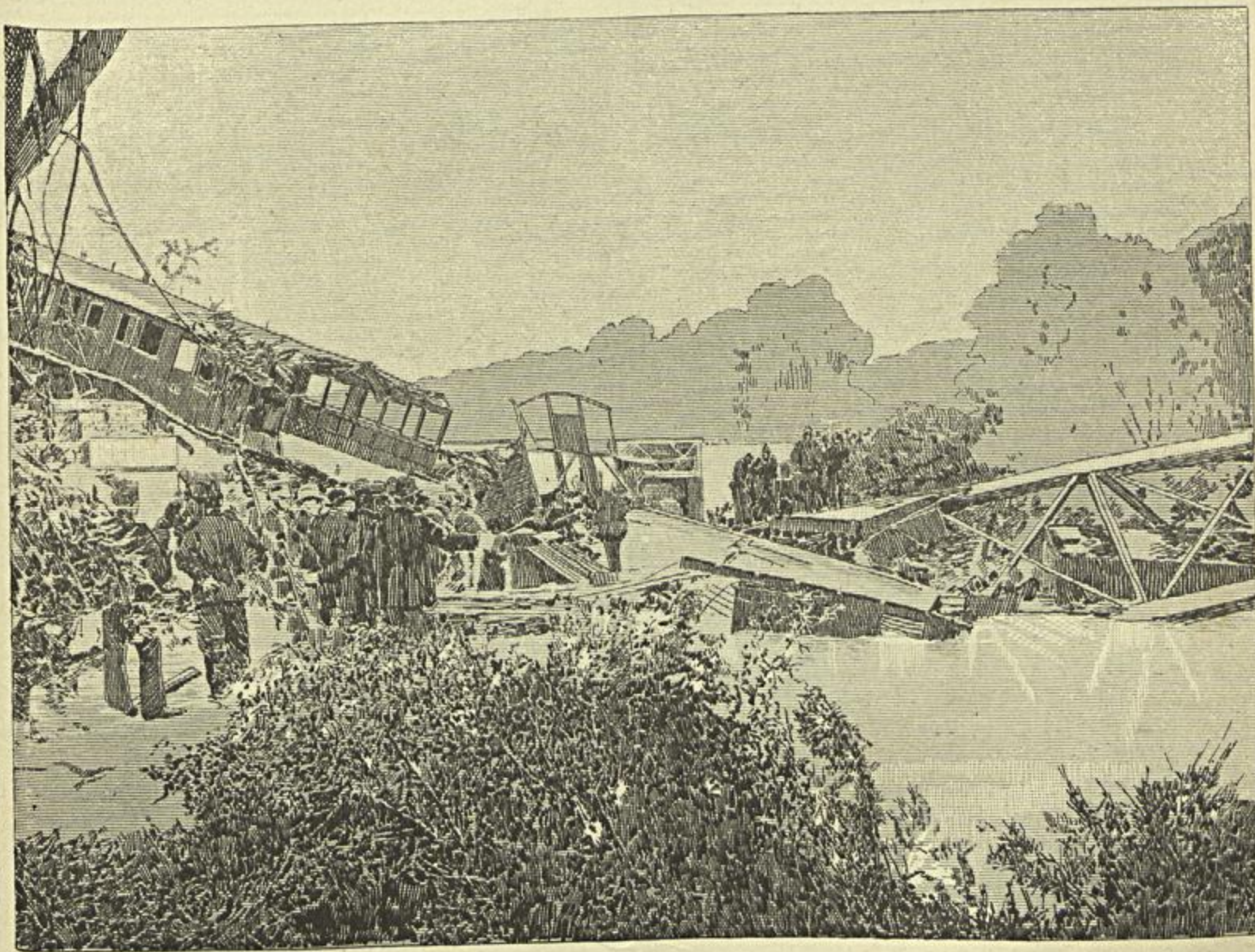
Adolpho Lallemant foi o primeiro impressor do OCCIDENTE; foi elle que durante seis annos imprimiu o nosso periodico, o que deixou de fazer quando este passou a imprimir-se em typographia nossa.

Os cuidados e esmeros que o OCCIDENTE lhes mereceu durante aquelle tempo, só o sabe quem o acompanhou na tarefa.

Nós somos testemunhas do quanto elle se esforçava para que o nosso periodico sahisse com a perfeição typographica e regularidade que sempre o distinguio

Adolpho Lallemant estava sempre

ANGELO FRONDONI—FALLECIDO EM 4 DE JUNHO DE 1891

(Segundo uma photographia de Plessix)

A CATASTROPHE DA PONTE DE MŒENCHESTEIN

(Segundo *croquis* tirado horas depois do sinistro)

prompto a todos os sacrificios. Era lhe indifferente trabalhar de noite ou de dia, que este fosse dia util ou santificado.

Quantas vezes se acabavam gravuras por alta noite, na vespera do dia em que o OCCIDENTE devia sahir a publico, e Lallemant esperava por essas gravuras ás tres e quatro horas da madrugada, na officina para lhes fazer o *mise en train*, e de manhã o OCCIDENTE sahia a publico, como se tivesse levado dois ou tres dias a preparar.

E fazia estes milagres com uma machina Imperial já bastante cançada e movida a braços, tendo por ajudantes um bando de rapazes aprendizes, com que elle dizia dar-se melhor do que officiaes feitos.

E trabalhando d'este modo Lallemant estava satisfeito, tinha a paixão da officina onde elle era o primeiro a entrar e o ultimo a sahir.

Ha cinco annos com a retirada para França de seu irmão Francisco, Adolpho Lallemant viu-se a braços com a direcção de todo o estabelecimento a seu cargo; mas apesar da sua robustez, o cargo era enorme para quem já rastejava pelos sessenta annos gastos n'um trabalho incessante.

Seu filho, Luciano Lallemant, um excellente rapaz que elle mandara estudar gravura em Paris, auxiliava o na direcção do estabelecimento, mas Adolpho Lallemant empregava os ultimos esforços da sua grande actividade sacrificando os restos de saude que tinha deteriorada por quasi cincoenta annos de trabalho activo. Não poude mais e aquella lesão, que havia annos advinhara-mos em seus olhos, completou a sua obra de destruição e matou-o aos 60 annos.

Foi mais uma victima do trabalho honrado.

Adolpho Lallemant nasceu em Lille, França (departamento do norte), em junho de 1830. Alem das distincções que o governo portuguez lhe conferiu e que já referimos, tinha a condecoração de Izabel a Catholica de Hespanha e muitas medalhas de exposições do Porto, Paris, Vienna d'Austria, Philadelphia, Rio de Janeiro, Lille, etc.

Que seu filho Luciano Lallemant, que muito estimamos, encontre lenitivo para a sua dôr n'esta sincera homenagem prestada á memoria honrada de seu pae e nosso amigo.

Caetano Alberto.

DUAS ESMOLAS

O sino da ermida, tangendo fagueiro,
A' missa convidava o povo prazenteiro.
Alegre dispontara este festivo dia,
Que, pleno de venturas, feliz se sorria...
O dia era de festa.
O povo descançava.
A villa, com prazer, alegre se mostrava
E os sinos, repicando, altivos, venturosos,
Lançavam na amplidão os seus sons sonorosos.
Notava-se a ventura, o prazer campezino,
N'essas almas tão francas, a que o Deus divino
Despio d'essa etiqueta tola da cidade,
Que reina nos salões da «alta sociedade».

Porém entre essa gente que rindo folgava
Uma pobre velhita, havia, que chorava.

Sentada, ali, nos bem toscos degraus da porta,
Da ermida antiquada; a pobre semi-morta,
Pedia com mil prantos...
Chorando implorava
A esmola que, por entre prantos, suplicava.
Padecia a desgraçada!... Queria a morte.
Pois déra-lhe Lacusta o cruel mal da sorte,
E a Nepenthes que bem consola o desgraçado,
A si não lhe trazia o Lethes celebrado...
— «Dae-me uma esmolinha»
Clamava em oração.
— Valei á pobresinha, oh! sim! por compaixão!...
Ninguem lhe respondia.
A pobre, infeliz,
Repete esses seus rogos, mas nunca maldiz
A sorte que penar a faz e padecer...
— Valei á desgraçada!...
Tornou a dizer

A filha d'um fidalgo, ouvindo-a supplicar,
Com rogos tão pungentes que vinham maguar,
O coração humano; a esmola foi depôr.
Na mão da desgraçada, bem cheia de dôr ..
A velhinha, a pobre ao ver uma moeda d'ouro,
Tremeu, chorou, sorriu, perante o seu thesouro,
E, plena de fervor, beijou a mão piedosa
Da fidalga.
Chorou feliz — não dolorosa, —
De lagrimas banhando a mão da virgem pura
Que assim lhe minorava a triste desventura.

Oh! tela sublime!... Oh! quadro do Creador!...

Scena, porem, onde existiu maior amor,
Succedeu apoz esta tão sublime e bella.
P'ra pobre desgraçada surgiu nova estrella,
Que veiu alliviar a sua dôr pungente,
Da Lybia padecida no areal ardente;
A filha d'um op'rario pobre mas honrado,
O seu coração sentiu no peito maguado
P'los rogos da velhinha...
Então ajoelhou
Aos pés da pobre, da mendiga e osculou,
As suas magras mãos, bastante descarnadas,
Carcomidas... p'lo frio rôxas, trespassadas!

A pobre commovida... de pranto coberta
Co'os braços cinge a virgem ..
Contra o peito a apérta.
Emquanto o povo folga tangendo as violas,
Ella abençoa o Ceu e as... DUAS ESMOLAS...

Alfredo de Pratt.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

IX

EM PROCURA DO FILHO

Luiz Ferreira Lobo fora compellido pela vontade paterna a partir para o Rio de Janeiro em commissão do governo.

Não se podendo eximir obedecera com o coração compungido, temeroso pl'o destino de Anninhas e da creança, que proxima a vir ao mundo, havia de necessariamente pezar sobre ella a vingança do morgado de Louredo.

Luiz conhecia de mais Claudio de Castro.

Julgava o capaz de tudo, mesmo d'um crime.

D'esta forma o seu primeiro cuidado, apenas desembarcou e se apresentou no palacio do governador militar, foi estudar a maneira de abreviar a sua estada na capital do Brazil.

Seria capaz, mesmo de qualquer expediente audacioso se teimassem em detel-o.

Porem, logo na sua primeira conferencia, viu que a commissão de que o haviam encarregado seria demorada e de responsabilidade tal, que ausentar se importaria n'uma deserção punida com todo o rigor das leis.

E quando isto não bastasse para o conter dentro dos limites da prudencia, as funestissimas consequencias que teria de soffrer se tentasse desobedecer á vontade inflexivel de seu pae, lá estavam a indicar-lhe o caminho que devia seguir.

Rodrigo José Ferreira Lobo era um d'esses caracteres bruscos, teimosos e egoistas que collocam a sua vontade sempre acima de tudo, e que muito embora conheçam terem dado uma ordem absurda, ou praticar n'uma expansão de genio qualquer acto menos reflectido, nem por isso a revogam, ou procuram attenuar o seu erro.

Luiz sabia bem que nenhuma esperança lhe restava por esse lado.

Seu pae era invulneravel, despotico, diremos até.

Correram os primeiros mezes, completou-se o primeiro anno, depois o segundo, o terceiro e Luiz parecia estar mais conformado com a sua sorte.

O tempo operava o milagre de ir arrefecendo os impetos de Luiz.

Se a principio chegou a forjar algum plano de fuga, nunca esse plano chegou á realisação, talvez tambem por sua tia D. Angelica Ferreira Lobo, em resposta a uma carta que Luiz lhe escrevera pedindo-lhe informações de Anninhas e do que se passara no solar de Louredo após a sua partida, lhe dissera ter a morgada entrado para o convento de Nossa Senhora da Conceição, de Beja, e que a creança a que elle se referia havia morrido á nascença, segundo era voz geral.

A' vista d'isto o que vinha agora Luiz procurar a Portugal?

Poderia tornar a ver Anninhas?

E se ella estava n'um convento, talvez vivendo por sua vontade, e como que a purificar a sua culpa, que iria elle fazer a Louredo ou a Beja?

Inquietar com a sua presença aquella que diligenciava esquecel-o?

Fazer de novo pulsar um coração que havia já deixado de bater para o mundo?

Era uma crueldade que deveras repugnava ao seu caracter bom e leal.

Se Anninhas entendera que tinha por dever esquecel-o, o seu dever tambem seria diligenciar esquecel-a.

E uns dias com mais saudades, outros encarando os factos com mais philosophica resignação, seis annos se completaram afinal, seis longos seculos para Luiz, a quem a nostalgia da patria operara uma transformação physica extraordinaria.

Certa occasião estava elle no palacio do governo quando conjunctamente com os officios enviados da corte recebera uma carta de seu pae.

Abriu-a febrilmente.

Depois da sua partida de Lisboa nunca mais tivera noticias d elle.

Em seis annos nem uma linha escrevera ao filho, talvez para não lhe dar azo a que elle lhe pedisse para regressar á Europa.

O que lhe quereria elle agora?

Para que lhe escreveria?

Participava Rodrigo José Ferreira Lobo a seu filho, que dando sua alteza o principe regente por finda a commissão para que fôra nomeado, como se confirmava por um despacho que n'aquella data era enviado ao governador militar d'aquella provincia e sendo por circumstancias imperiosas levado a fazer parte da esquadra, que em novembro havia de levantar ferro em direcção ao Rio de Janeiro, conduzindo a seu bordo toda a familia real portugueza, elle se apressasse a partir immediatamente para a metropole afim de o substituir na administração das propriedades que lhe pertenciam e especialmente das que faziam parte dos bens de sua irmã, D. Angelica, em Louredo; assumpto que muito o inquietava, por se dizer que todo o Portugal ia ser invadido pelas tropas de Napoleão sob o commando de Junot. Rematava explicando a maneira como deixara encaminhados os seus negocios e a quem confiara os seus papeis de familia e os titulos das suas propriedades e da sua irmã.

Esta lhe communicaria outras ordens suas sobre assumptos diversos, que não era para tratar no limitado espaço d'uma carta, escripta precipitadamente por estar em vesperas de partida.

Póde imaginar-se a admiração de Luiz e como de tropel lhe occorreram as mais variadas e multiplicadas idéas com aquella inesperada noticia.

Tornaria no fim de seis annos a ver Anninhas, ou teria de abandonar essa consoladora esperança?

Quatro mezes depois Luiz chegava emfim a Louredo e conseguindo encontrar Clara, a criada que servira de aia a Anninhas no tempo que elle era visita do solar, a quem deu algum dinheiro para a obrigar a desprender a lingua: soube não só que a reclusão de Anninhas tinha sido ordenada por sentença, como tambem que seu filho não tinha morrido mas sido entregue a uns ciganos com a recommendação de o fazerem desapparecer.

Ao facto d'estes dois promenores, que lhe eram desconhecidos até então, tornara-se a avivar d'entro do cerebro de Luiz a idêa presistente não só de tornar a ver Anninhas mas de fallar-lhe. Saberia ella do destino que tivera a creança? Era-lhe precisa a certeza.

Se ella o não soubesse lançaria meio mundo em sua busca. Revolveria não só todo o Alemtejo mas tambem todo o Portugal, e, comquanto já se tivessem passado seis annos, de indicio em indicio havia de concluir por encontrar seu filho.

Achava até facilima a empreza.

Se o morgado estivesse em Louredo obrigal-o-hia a fallar. Talvez os ciganos lhe tivessem escripto dando informações do ponto em que tinham deixado a creança. Mas Claudio de Castro comprara uma propriedade em Beja e ali residia agora, talvez com o fim de vigiar de mais perto a sua victima.

Lembrou-se das primas de Anninhas. Teriam estas algumas indicações a fornecer-lhe? Saberiam por acaso do paradeiro de seu filho? Se as procurasse, se lhes fallasse... Mas viveriam ellas? Estariam ainda em Louredo? Com a invasão franceza havia tanta gente do logar que tinha mudado a sua residencia para outras terras...

O acaso quiz porém vir em seu auxilio, e mais depressa do que imaginara, Luiz estava ao facto de que as primas de Anninhas viviam ainda e moravam como ha seis annos em Louredo.

Foi uma noite que Luiz escolheu para fazer essa visita Seriam umas dez horas quando Luiz chegou á casa que lhe tinha sido indicada.

Parou e bateu.

Depois de breve silencio sentiu-se de dentro arrastarem-se uns pés e pelas fendas da porta apparecer a claridade da luz.

Luiz estava impaciente.

Aproximaram-se da porta e perguntaram para fóra

— Quem bate?

— Luiz Ferreira Lobo.

As duas irmãs trocaram entre si um olhar de intelligencia. A que tinha a candeia na mão qua-

si a ia deixando cair com a surpreza de ouvir pronunciar aquelle nome.

— Que quererá elle, disse uma d'ellas.

— Se sabe que a gente preparou a *cama* á rapariga é capaz de nos fazer alguma.

— Ora quem lh'o havia de dizer. Abre a porta e mostremos-lhe a melhor cara que podermos.

A porta estava já trancada, mas ao findar esta contraversia foi patenteada a Luiz que entrou sacudindo a sua capa da chuva que lh'a tinha ensopado.

As duas mulheres recuaram A que tinha a luz levantou-a um pouco até á altura do rosto de Luiz.

— Bem longe estavamos de ter V. S.ª por esta humilde casa?

— E' verdade, confirmou a outra irmã. a tal hora da noute, se não fosse reconhecer mos-lhe a voz, nem nos atreveriamos a abrir a rotula do postigo. D'esde que para ahi vieram os francezes andam tantos ladrões por estes logares.

— Obrigado, volveu seccamente Luiz.

E tirando a capa e o chapeo não esperou que o mandassem sentar para o fazer na primeira cadeira que se lhe deparou.

— Está muito mudado, sr. Luiz, atreveu-se a dizer a irmã mais velha que era a que tomava a seu cargo o assumpto da conversação e desvial-a de qualquer ambiguidade que podesse causar suspeitas a Luiz.

— Os desgostos, as saudades... A separação de todos que estimava.

— Fez grande differença em seis annos .. Esteve fora?

— No Brazil.

— Pois não soubémos. Tambem, em Louredo, quasi que nos não damos actualmente com pessoa alguma.

— Já não visitam os srs. morgados?

— Ha que tempos que isso lá vae. Depois de um grave desgosto de familia, que deu causa ao processo de separação do sr. Claudio de Castro de nossa prima, Anninhas foi obrigada a entrar n'um recolhimento de Beja, e o marido comprou uma quinta n'essa mesma cidade onde vive desde que se deu o julgamento.

— Conheço esse processo, e creio até que da culpa da morgada ficara um filho?

— Que nós por muito tempo imaginámos que tivesso morrido.

— E não morreu, não é verdade? Deixou escapar Luiz com anceio de quem tem uma duvida cruel a tortural-o ha muito tempo.

— O morgado entregara-o a uns ciganos para lhe darem um destino qualquer, porém estes que viviam em Beja, desappareceram, d'ali deixando a creança exposta nos degraus d'uma egreja. Soubémos isto, acrescentou a prima de Anninhas, porque o mesmo capellão do convento de Nossa Senhora viera procurar-nos por mandado da superiora, para colher informações com respeito á creança.

— Talvez por instancias da mãe, observou Luiz.

— Sim ha-de ser isso, disseram as duas irmãs em côro. Depois prosseguio a que tinha o uso da palavra

— O capellão disse-nos que os ciganos que haviam sido presos em Mourão quasi a internarem-se em Hespanha, lhe haviam confessado o fim que tinham dado ao filho de nossa prima.

— E que mais, que mais? Intorrogou Luiz com a voz tremula pela commoção!

— O padre ainda voltou a nossa casa umas duas ou tres vezes no espaço de tres annos. Da ultima vez confirmou-nos que nada havia sabido com respeito á creança, e que a superiora do convento se havia conformado a não proseguir n'essas indagações, visto que até áquella data nenhum resultado haviam dado.

— Infeliz creança!... pensou Luiz comsigo.

— Ha tres dias esteve em Louredo o abbade de Baleizão com o fim de fallar a um primo do corregedor de Beja, Christovam Ayres Pinto, creatura dos francezes, segundo por ahi dizem, mas homem bom ás direitas. A irmã do sr. corregedor honra-nos com a sua amizade e faz-nos suas confidentes, quando o irmão lhe communica alguma cousa de vulto. E' conhecimento da nossa mocidade e sempre foi muito nossa amiga. Foi por ella que soubémos que o abbade tinha vindo consultar Ayres Pinto sobre os passos que eram preciso dar para que um rapaz que tinha a seu serviço ha mezes, como guardador de gado, entrasse para o noviciado de qualquer convento, afim de seguir a vida sacerdotal visto o abbade estar convencido de que o rapaz podia ser melhor aproveitado nos estudos que na vida campestre...

— E suppõe que...

— Preste-me toda a attenção... Este pequeno que tem Emilio por nome de baptismo, foi encontrado, como o filho de nossa boa prima, nos degraus d'uma egreja por um camponez de Baleizão, pouco mais ou menos pela epoca em que os ciganos tinham levado a creança de Louredo abandonando-a depois ao acaso.

— Oia pode muito bem ser, aventurou a irmã da oradora...

— E' verdade, pode ser, accrescentou Luiz, effectivamente tudo nos leva a crer que ha pontos de contacto entre a exposição do filho de... da sr.ª morgada e o Emilio, que está ao serviço do abbade de Baleizão. Mas porque não mandou essas noticias immediatamente á superiora do convento para que as communicasse a sua prima?

— Nós ainda tivemos tenção... mas Deus nos perdôe se incorremos em falta. . Com que direito ia-mos sobresaltal-a com uma esperança que poderia ser falsa? Ella já tinha chorado a perda do filho e conformando se... ir agora de novo avivar-lhe a dor...

— Fizeram bem, disse Luiz...

E depois, como fallando comsigo.

— Preciso ver esse rapaz... esse Emilio, e obter a certeza. Se encontrasse o paradeiro de meu filho.

Luiz tirou do casaco um lenço para limpar furtivamente duas lagrimas indiscretas, que vieram rolar-lhe pelas faces.

As duas velhas mostraram-se tambem muito consternadas.

— Hão-de ajudar-me n'esta obra, as senhoras. Sabe ei pagar generosamente a sua valiosa cooperação. Amanhã virei a hora mais conveniente para que me possam apresentar á irmã do corregedor. Preciso obter uma carta de apresentação para o abbade do proprio primo do corregedor...

— Nó que podermos ser uteis, disseram a uma voz as duas primas de Anninhas, dando á phrase o tom da sinceridade hypocrita.

Luiz levantou-se e tomou a capa e o chapeo. Tirou do bolso um rolo de dinheiro e atirou com elle para sobre a mesa.

— Ahi têem pelas suas indicações, e obrigado. Saiu!

As duas irmãs vieram acompanhal-o á porta, tartamudeando successivas expressões de agradecimento.

Depois, quando elle se afastou, voltaram-se uma para a outra e sorriram maliciosamente.

A mais velha, então, achou occasião de dizer para a mais nova, que estava toda afadigosa trancando a porta:

— Imagina que a gente ignora que foi elle o amante de Anninhas. E' muito melhor assim. Vendemos bem o nosso peixe, e nada desconfia de nós. Quer valer ao filho... deixal-o, como lucramos alguma coisa no negocio...

(Continúa) *Julio Rocha.*

OS MEUS LIVROS

X

Primeiras leituras: — É o titulo de um livro para as escólas admiravelmente compilado e dirigido pelo nosso amigo, o illustrado academico Joaquim de Araujo.

Primeiras leituras é uma selecta infantil que se affasta por completo da rotina. quebrando essa monotonia de nomes que nos moiam a cabeça como um *chavão* importuno, Joaquim de Araujo partiu contra a praxe e o seu encantador trabalho dá nos contos, tradicções e cantigas populares, muito interessantes.

Ha nas *Primeiras leituras* verdadeiras preciosidades litterarias.

E, para que melhor se avalie este sympathico e notavel trabalho do illustrado academico, vamos transcrever um artigo, completamente inedito, de Francisco de Hollanda, tirado do historico *Tratado da Pintura Antiga*, sob o titulo de *Como Deus foi pintor*.

« Podemos dizer ser Deus pintor evidentissimo, e nas suas obras se conter todo o exemplo e substancia de tal arte Porque de duas coisas a pintura é formada, sem as quaes não se poderia pintar alguma obra; a primeira é luz ou claro, a segunda é escuro ou sombra, e como deixa de ser sombra, logo vem o claro, e no fim do claro, começa a sombra; as quaes duas côres acordadas em sua diminuição ou crescimento pintarão todas as coisas. Deus, quando quiz pintar tudo o que vemos, como perfeitissimo pintor, sobre a escuridade e trevas que cobria o grão retabulo do mundo, começou logo com o claro, e por isto é mais nobre o claro que o escuro, que foi a primeira mão de Deus; e a boa pintura com claro se deve começar sobre o escuro e não com o escuro como todos fazem. Porque primeiro é a luz que a sombra; mas os mortaes costumaram o menos de fazer e o mais conforme á miseria humana. Assim que disse Deus: faça se luz e o alvaiade para esta obra, e foi feito. E á luz chamou dia, e ao escuro e sombra, noite, e com luzedia, côr perfeitissima, pintou todas as coisas miraveis que vêmos, e não com a noite; com esta matizou elle as imagens encarecidas dos angelicos thronos e seraphins e celestiaes quadros que nas suas salas e paços tem, que nunca ainda vimos e que esperamos de vêr. Pintou o sol de ouro, a lua de prata. Pintou a rozada aurora, compartição admiravel das estrellas (que é uma parte da pintura), o repartir e sitiar dos signos e planetas, a novidade das nuvens, os mais circulos celestes tão gravissimos e velozes, o dividir o mar das terras tão discretamente; as voltas das praias e rios tão saudosas, o relevar das serras e promotorios. Coloriu a formosura dos campos e lagunas, e a sombra das selvas, o verde das arvores, a mescla das flôres Debuchou a estranheza das alimarias, a differença dos peixes, a novidade das aves. Tudo isto a quem o bem considera, são obras de pintura de um tão perfeito pintor, como é Deus. Ora mais claramente pintou elle por sua propria mão tomando limo da terra e formando d'ella a proporção e fabrica do instrumento absolutissimo que é o homem. Depois sobre a costa d'este pintou a imagem da mulher Eva. »

Nada mais devemos dizer, depois d'esta transcripção, para que se faça ideia do que é um livro dirigido pelo distincto poeta das *Occidentaes*.

Resta-nos, e já não é sem tempo, agradecer ao nosso talentoso amigo a generosa dedicatoria do seu livro, protestando lhe aqui a nossa gratidão pelas suas constantes finezas.

* * *

Pedro Machado, irmão do intelligentissimo artista Julião Machado, envia-nos o seu monologo intitulado *Uma teima*.

É um engraçadissimo conto, em formosos alexandrinos, que nos faz esperar obra de maior folego do espirituoso poeta. para então nos occuparmos mais largamente do seu trabalho.

Manuel Barradas.

NOVIDADES DA SCIENCIA

NOVO PREPARO DA MASSA DE PAPEL — A substancia vegetal *alfa*, a palha, ou qualquer outra, é primeiramente limpa, depois introduzida em uma caldeira onde cose em uma lixivia caustica durante seis a dez horas.

Depois de ferver a uma pressão de 1,5 a 3 kilog. por centimetro quadrado, abre-se uma torneira na parte inferior do apparelho e todo o conteudo é evacuado por um tubo em um apparelho lavador fechado. Esse lavador é munido de valvulas carregadas a uma pressão de cerca o,6 kilog. por centimetro quadrado. O transvasamento da massa cosida, operada pela differença da pressão, occasiona uma desaggregação completa das fibras.

A lavagem da massa n'este segundo recipiente effectua-se ao abrigo do ar, pois que se opéra sob pressão ao principio de uma lixivia caustica e por fim pela agua fria. Esses liquidos são conduzidos por um tubo perfurado, collocado na parte superior do apparelho.

Depois da lavagem a massa é expulsa para ser submettida ao branqueamento, como é uso.

A primeira agua da lavagem é tratada para a recuperação da soda ou serve como lixivia no cozimento, com a addição do alcali.

Este novo precesso é devido a M. Dahl.

O GRISOU E OS PHENOMENOS CELESTES. — Na *Sociedade Meteriologica de Berlim* acaba de ser apresentada uma memoria do Dr. Wagnier na qual elle estuda as relações que podem existir entre as condições meteriologicas e as explorações de grisou.

Segundo o auctor d'essa memoria ha uma tal ou qual relação entre a pressão barometrica e a frequencia das explosões.

O Dr. Wagnier vae ainda mais longe: affiança que existe muita relação entre certos phenomenos celestes e a frequencia dos desastres pelo grisou.

Occupou-se primeiramente das phases lunares e da duração da rotação do sol; nos dois casos o resultado foi negativo, mas empregando o periodo de 27,9 dias que, segundo Buys-Ballot, constitue o periodo da porção da temperatura, o successo parece ter sido completo.

Com effeito, as curvas de comparação obtidas n'este caso são uniformes e regulares. Ellas apresentam duas maximas em cada periodo; a primeira no terceiro dia, a segunda no vigessimo dia.

As investigações scientificas do sr. Wagnier referem-se unicamente ao distincto mineiro de Dortmund, abrangem um periodo de vinte e um annos durante, os quaes cerca de 7:000 explosões se teem dado.

Papel Diss. — Um problema que interessa vivamente todas as populações da Algeria acaba de resolver-se por dois chimicos de Constantina M. M. Casclmann e Wetterlé.

Trata-se da utilisação do *diss*.

O *diss* é uma graminea que cobre uma extensão de mais de 150 kilometros ao longo do littoral da Africa do norte. E' o vegetal dos logares incultos do Tell algeriano; cresce em monchões que se dão bem nos cumes dos outeiros e cabeços das montanhas. Alguns industriaes arabes já o empregavam no fabrico de esteiras, cordas e nas coberturas das suas choças, mas tudo muito imperfeito e á falta de qualquer outra substancia vegetal.

Ha muito tempo que andava a estudar-se a maneira de se tirar d'esta producção vegetal uma pasta para o fabrico de papel; mas as experiencias malogravam-se pela difficuldade de dissolver o principio resinoso que lhe aglutina as fibras e offerece grande resistencia aos agentes chimicos.

O novo processo empregando productos chimicos muito simplices e baratos, fornece, segundo se diz, uma especie de massa para papel de excellente qualidade.

Esta descoberta é muito importante para a Algeria que póde exportar cem milhões de kilog. de *diss*, sendo uma nova fonte de riqueza facilmente exploravel e de seguro rendimento.

A industria franceza vae em breves mezes entrar n'essa exploração e produzir optimo papel para cartas d'essa materia textil vegetal.

Fabricação lecthotolytica do phosphoro. — M. M. Parker e Robinson acabam de formar uma companhia para o fabrico do phosphoro pela electricidade. A sua officina em Wednesfield foi organisada em vista d'esta nova industria que empregará uma poderosa machina da força motriz de 700 cavallos.

O processo é o seguinte; mistura-se o carvão polverisado, (mas reduzido a pó muito tenue) com o acido phosphorius ou com phosphotos e submette-se a massa á acção de uma corrente de grande intensidade.

O composto phosphorico fica reduzido e o phosphoro se desenvolve em vapores que destillam e se recolhem em um recipiente resfriado.

O cheiro proprio da terra. — Conhece-se o cheiro especial que não deixa ser bastante agradavel emittido pela terra vegetal, recentemente molhada depois das primeiras chuvas que seguem a longa estiagem. M. M. Berthelot e G. André teem procedido a alguns ensaios para buscar a origem d'esses productos volateis. Os seus ensaios tendem a estabelecer que o principio essencial do cheiro da terra reside em um composto organico, neutro, da familia aromatica, composto que é transmittido pelo vapor da agua, á maneira dos corpos possuindo fraca tensão. O cheiro é penetrante, acre analogo ao das materias canforadas, mas distinctas de muitas outras substancias identicas.

Quanto á proporção, elle é extremamente fraco, e póde ser olhado como visinho de algumas millioniemas.

Este novo principio não é nem um acido, nem alcali nem mesmo aldehydro normal: suas soluções acquosas concentradas são precepitaveis pelo carbonato de potassa com producção de um annel resinoso. Queimadas pela potassa ellas desonvolvem um cheiro acre, analogo á resina d'aldehydro, não reduzem o nitrato de prata ammoniacal e emfim, dão logar, nas condições conhecidas, isto é, pelo emprego da potassa e do iodo, a uma abundante formação de *iodoforme*, proprieda-de de commum a um grande numero de substancias.

S. P.

ADOLPHO LALLEMANT — Fallecido em 21 de junho de 1891

(Segundo uma photographia)

REVISTA POLITICA

Passou nas duas casas do parlamento a lei de meios com todas as suas auctorisações e trinta e tres paragraphos e *passou á bocadinho, ainda não ha meia hora*, sem dar tempo para grandes discursos, votando-se com toda a pressa, conforme as necessidades do governo que tinha o anno economico á porta, sem estar auctorisado a receber vintem para gastar no novo anno economico em que ia entrar.

Foi breve a discussão na camara dos deputados, com mal desfarçada vontade de ser longa. Os srs. Fuschini e Elvino de Brito muito principalmente ainda se atiraram ao projecto com vontade, talvez de o mandarem para o inferno apezar de toda a abnegação com que o atacavam, sendo certo que ninguem teve na camara a coragem de defender os reconhecidos abusos referentes ao funccionalismo official e outros, que o mesmo projecto tem em vista cohibir. Ainda houve uns restos de honestidade, de pudor que embargaram a falla na garganta a alguns, pondo-lhe um nó nas guellas que não ia para baixo nem para cima, e este mesmo nó se propagou á camara dos pares, onde o sr. marquez de Vallada declarou por fim que não fallara na sessão antecedente para não fazer obstrocionismo á camara, pelo que a mesma camara lhe deve ficar muito agradecida.

A lei passou é verdade, mas de ella passar a cumprir-se é que ainda ha duvidas e esperanças no espirito de muitos, havendo já para ahi os mais preoccupados receios sobre o uso que o governo fará das auctorisações que lhe foram dadas.

Anda suspensa dos labios de todos uma interrogação por causas diversas; os que receiam que a lei se cumpra, e os que receiam exactamente o contrario, no que se affirma mais uma vez a que estado chegou a desconfiança do publico, á força de tantas desillusões porque tem passado, no tocante ás varias farçadas politicas de que tem sido espectador.

E para que as farçadas não cessem, lá tivemos na camara dos pares um pequeno escandalo que fez o discurso do sr. bispo de Bethesaida em resposta ao da corôa. Uma historia muito triste e muito irritante da nossa politica n'estes ultimos annos, que o sr. bispo para ali publicou pelo seu verbo inspirado, em que não deve faltar o fogo do Espirito Santo, mas em que talvez falte o lavar das mãos de Pilatos.

No estado de podridão a que tudo chegou, tem d'estes inconvenientes o tocar na mesma podridão, porque mais ou menos todos para ella tem dado o seu contingente e d'ahi a falta completa de impolutos que possam atirar pedradas sem receio de que ellas façam recochete e venham ferir quem as despedio.

Foi o que succedeu ao illustre orador. Disse verdades rijas como seixos da praia, e só temos a louvar a abengação com que procedeu expondo-se a que tambem lh'as dissessem.

O sr. Lopo Vaz é que respondeu ao sr. bispo de Bethesaida, e nós ainda agora estamos á espera de quem respondesse ao sr. Lopo Vaz. O illustre prelado com a resignação evangelica que deve caracterisar um ministro de Deus, não lhe competia decerto defender-se das acusações. Christo tambem não se defendeu na sua resignação divina, com a unica differença de que elle era um justo e nós somos todos uma sussia de peccadores.

E foi tudo que de melhor tem produzido a resposta ao discurso da corôa, que por vir tarde nem por isso perdeu com a demora.

Com a approvação da lei de meios afrouxaram as sessões do parlamento, que tinham chegado a haver de noite, durando a ultima até as 2 horas da madrugada para se approvar a dita lei.

Lembramos aquella lei de imposto que El-Rei D. José queria lançar ao povo sem este a sentir, para o que o ministro, marquez de Pombal, foi á camara do rei por alta noite acordal-o, para a assignar.

O rei estremonhado agastou-se com o seu ministro por assim o encommodar.

— E' a melhor occasião, meu senhor, para o povo não sentir. Agora dorme tudo.

João Verdades.

Typ. e lyt. de Adolpho, Modesto & C.ª